



Aberrações tropicais: representações da monstruosidade no teatro Latino-Americano

Tropical freaks: representations of monstrosity in Latin American theater

SANTANA, Analola. *Freak Performances: Dissidence in Latin American Theater*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2018; 266 pp.

Marco Antônio Gavério¹

1. Resenha

O termo *freak*² é frequentemente relacionado a uma rotulação, uma classificação pejorativa de determinados tipos de pessoas que não se "enquadram nas normas". Mais comum ainda é pensar o termo "aberração" como uma forma estigmatizada, mas ao mesmo tempo disruptiva, relativo àqueles e àquelas que são "desviantes". E os "desviantes", quando enquadrados como "aberrações", são reproduzidos como disformes, assimétricos, degenerados, retardatários, defeituosos, deficitários, grotescos.

Nesse sentido, a ideia de "aberração" tem sido trabalhada teoricamente e politicamente em torno da noção de deficiência. Pelo menos desde os anos 1980, pessoas com deficiência, e uma boa parte dos debates culturais nas ciências sociais e humanas, vêm explorando como essas noções das "aberrações" se correlacionam culturalmente a determinados tipos de corpos e comportamentos. Em suma, há uma ligação historicamente empírica, que inclusive depende de todo um aparato tecnocientífico moderno, entre o que chamamos de "deficiência" e aquilo que é visto como uma "aberração da natureza".

Entretanto, a semântica da "aberração" é também uma forma de conceber

¹ Cientista Social pela UFSCar, mestre e sociólogo pelo Programa de Pós Graduação em Sociologia da mesma Universidade. Também integra o grupo de pesquisa SEXent/PPGS-UFSCar. Suas pesquisas possuem financiamento público CAPES, instituição a qual o autor agradece. São Carlos, Brasil, marcaosemacemento@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0744-3520>.

² Termo que pode ser amplamente traduzido como aberração. Ao longo da resenha será usado este termo em português ao invés de seu original.



e classificar culturalmente o "outro". Ou seja, a noção de "aberração" é uma forma de enquadrar e produzir o "outro" como uma figura intrinsecamente desviante. De certa maneira, a "aberração" é uma representação social e cultural que enquadra, mais ou menos, determinados formatos e desenvolturas corporais e comportamentais.

É dentro desse contexto que encontramos as discussões de "Freak Performances – Dissidência No Teatro Latino Americano", de Analola Santana. Para Santana (2018), a "aberração" é uma "performance", uma encenação, um figurino, e também uma figuração sobre os processos coloniais e pós-coloniais que formaram a identidade latino-americana como um outro "selvagem" e "exótico". A autora se nutre das discussões sobre "monstros e aberrações" mescladas com análise cultural. Desde as perspectivas dos "disability studies" e "freak studies", Santana analisa como esse enquadramento aberrante produziu a América Latina como um grande outro. Santana perpassa pela leitura semiótica e geopoliticamente coordenada de uma série de peças teatrais contemporâneas latino-americanas. Essa leitura se situa na intensificação do "processo neoliberal", exemplificados pelo experimento chileno nos anos 1970, pelo "Consenso de Washington" nos 1980 e seus efeitos após os anos 1990 (SANTANA, 2018, p. 13).

Santana aponta duas coisas centrais na sua investigação. As "aberrações" das peças teatrais e artísticas latino-americanas são representações performáticas que indicam corpos e comportamentos que violariam suas representações normativas. Nesse sentido, as imagens consideradas como aberrantes estão condensando "corpos indisciplinados como performances de protesto" (SANTANA, 2018, p. 3). Ao mesmo tempo, essas figuras e representações, são formas de reconfigurar a própria formatação dos corpos e comportamentos latino-americanos como não cabíveis nos imaginários imperialistas e coloniais de normalidade (SANTANA, 2018, p. 5).

A autora toma a aberração como uma "alegoria" híbrida das construções da identidade latino-americana, marcadas pela ambiguidade entre os processos coloniais e pós-coloniais e as possíveis críticas a esses "modos de ver o outro". De forma bem concisa, Analola Santana aposta que os processos de "se tornar aberrante", que examina a partir das performances artísticas contemporâneas, "contestam o enquadramento hegemônico e imperialista anglo europeu" (SANTANA, 2018, p. 2).

Ao longo da obra há um corte entre a antiguidade, as formas clássicas e modernas de consideração das monstruosidades. Nesse caso, a figura do monstro antigo está mais ligada à cosmologia divina e é identificado em termos de "excesso, defeito ou hibridez" (SANTANA, 2018, p. 6). Já as aberrações são espécies herdeiras dessa monstruosidade cosmológica, mas inseridas em uma lógica que tende a secularidade e ao cientificismo. É com o avanço das dimensões científicas e jurídicas, com relação a uma taxonomia da natureza, que a monstruosidade passa também a ser compreendida como um desvio de



determinadas ordens naturais (SANTANA, 2018, p. 10).

É dessa noção clássico-moderna, em que o monstro e o prodígio antigo se tornam espécies patológicas, que emerge a figura da “aberração”. A autora postula a aberração como uma espécie de monstro moderno, que amplifica as próprias ambiguidades que podem representar e serem representadas culturalmente por este termo. Segundo Santana (2018, p. 11), “A aberração surgiu a partir dessa ruptura de percepção e do fascínio que a Europa do século XIX tinha por todas as formas de diferença corporal e comportamental”.

A base para essa afirmação utilizada pela autora é uma referência à literatura gótica do século XVIII-XIX. Essa literatura basicamente explorou os fenômenos identitários e culturais humanos que estavam à beira da “normalidade” (SANTANA, 2018, p.11): criminalidade, barbarismo, perversão e degeneração. Contudo, o termo “aberração” tem sua popularização no século XIX com as exposições das Cabines de Curiosidades. Segundo Chemers (2008), foram essas Cabines, as Feiras e Circos de Exposições itinerantes europeias que serviram de base para os *Freak Shows* norte-americanos de P.T. Barnum entre o século XIX e XX³.

Em suma, a identidade latino-americana é construída também a partir de um “enquadramento colonial” tecnocientífico e popularmente cultural anglo-europeu. Esse enquadramento colonial teria formatado corpos e comportamentos não europeus como naturalmente “monstruosos”, “aberrantes”. Santana diz que o sentido para o uso que faz do termo aberração está em “em todas as suas conotações e manifestações - o grotesco, o deformado, o deficiente, o excluído visual/moral/socialmente, a prostituta, o mendigo, o terrorista, o anti-herói e o homossexual, entre muitos outros tipos” (SANTANA, 2018, pp. 3-4).

Portanto, a pesquisadora defende que o corpo latino-americano é objetivado através de “construções discursivas da outridade” (SANTANA, 2018, pp. 13). Essas construções são as de raça, etnia, classe e gênero que, por suas vezes, estão em transformação ao longo dos últimos 40 anos de investida neoliberal na América Latina. As práticas e políticas neoliberais que têm composto os governos e Estados latino-americanos buscam atrelar noções de normalidade às características corporais de produtividade no ambiente do mercado. Nesse sentido, Santana observa que a própria figura da “aberração” pode estar sendo reapropriada pelas políticas socioeconômicas neoliberais e, com isso, modificando a própria configuração moderna e colonial da monstruosidade e da aberração.

³ Para maiores considerações sobre os *Freak Shows* e a figura do empresário do entretenimento P.T. Barnum ver: FIEDLER, Leslie. **Freaks: Myths and Images of the Secret Self**. Simon and Schuster, 1978; BOGDAN, Robert. **Freak Show: Presenting Human Oddities for Amusement and Profit**. University of Chicago Press, 1988; GARLAND-THOMSON, Rosemarie (Ed.). **Freakery: Cultural Spectacles of the Extraordinary Body**. NYU Press, 1996; LEITE JÚNIOR, Jorge. **Monstros, bufões e freaks: riso, medo e a exclusão dos anormais. Caderno dos doutores da alegria**, n. 2, 2006; SILVA, Mariana Morais Santana da. SILVA, Mariana Morais Santana da. **Freak show no século XXI: a exibição de corpos extraordinários como entretenimento e a construção do traje de cena**. 2017. Dissertação (Mestrado em Têxtil e Moda) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.



Santana faz uma distinção entre realidade e representação a partir das noções de "aberrações reais" e "performances aberrantes". Em ambas as dimensões os monstros e aberrações são "alegorias", "modos de ver o outro". Entretanto há uma distinção entre corpos que seriam propriamente "aberrações" e como esses corpos podem servir de metáfora para expor problemáticas relacionadas às dimensões de raça, etnia, classe e gênero (SANTANA, 2018, pp. 19). Em outras palavras, Analola Santana argumenta que a identidade latino-americana possui uma normatividade que ainda opera por uma lógica da "outridade estigmatizada" (SANTANA, 2018, p.26). Segundo a autora, "raça, classe, gênero, sexualidade, condição mental, tendências políticas e assim por diante, constituem elementos de um corpo aberrante que é mais fácil de marginalizar do que aceitar" (SANTANA, 2018, pp. 26-27).

Entretanto, é preciso ter cuidado para não colocar essas categorias analíticas de forma muito anacrônica. O olhar colonial também vai dar as condições para essas diferenças emergirem. A "aberração" não é relativa somente às diferenças corporais específicas, o que chamamos atualmente de "deficiência/doença", mas também a um enquadramento cultural do outro, a partir de uma série de diferenças entre o material e o simbólico. Aqui a questão fica bastante nítida em relação a como as cabines de curiosidades, os *sideshow*s e os *freak shows* operavam as diferenças corporais em consonância com as diferenças étnicas, como coisas fantásticas e, ao mesmo tempo, científicas. Ou seja, a proposta de Santana é mostrar como o choque colonial produziu a América Latina e suas identidades culturais. E como essa produção evoca as figuras dos monstros e das aberrações para enquadrar e produzir esse outro "espetacular" a ser enquadrado e esquadrihado.

Então, a figura "aberrante", elaborada nas peças culturais abordadas por Santana, exploram criticamente essa construção colonial da América Latina como um dos grandes outros do "Ocidente": um outro selvagem, canibal, sujo, exótico, desviante. O imaginário das aberrações elaborado nessas instâncias artísticas aborda as diferenças corporais em sua "exoticidade". Dessa forma, demonstra politicamente como as diferenças culturais extrapolam a própria tentativa de naturalizar o processo colonial que fundou a América Latina. A "aberração" é um enquadramento crítico e desafiador da ordem colonial e neocolonial. As "performances aberrantes" mantêm sob tensão os procedimentos de naturalização das relações e processos geopolíticos que produzem o próprio jogo entre "metrópole/colônia", "colonizador/colonizado", "centro/periferia". Nesse sentido, o instigante do livro é sua proposta de interligar a crítica colonial da América Latina com as políticas neoliberais da região através dessa normalização das "aberrações" em torno de dimensões de flexibilidade, produtividade e eficiência de mercado.

Em suma, o monstro e a "aberração" possuem fortes ressonâncias e operam basicamente com a estabilização de variadas diferenças corporais e comportamentais, consideradas contra-naturais ou degeneradas. Eles



também são produtos culturais, historicamente localizáveis, dessas próprias formas de visualizar, descrever e delimitar o "eu" e o "outro".

Referências bibliográficas

CHEMERS, Michael M. **Staging Stigma: A Critical Examination of the American Freak Show**. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2008

SANTANA, Analola. **Freak Performances: Dissidence in Latin American Theater**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2018; 266 pp.

Como citar este artigo:

GAVÉRIO, Marco Antônio. Aberrações tropicais: representações da monstruosidade no teatro Latino-Americano. **Áskesis**, São Carlos - SP, v. 9, n.2, p. 188-192, jul./dez. 2020.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/9220.548>

Data de submissão do artigo: 10/08/2020

Data da decisão editorial: 28/05/2021